

---

## Francisco García González (ed) (2020), Vivir en soledad. Viudedad, soltería y abandono en el mundo rural (España y América Latina, siglos XVI-XXI)

Ana Mafalda Lopes

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/7147>

DOI: 10.4000/lerhistoria.7147

ISSN: 2183-7791

**Editora**

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

**Edição impressa**

Data de publicação: 30 dezembro 2020

Paginação: 234-237

ISSN: 0870-6182

**Refêrencia eletrónica**

Ana Mafalda Lopes, «Francisco García González (ed) (2020), Vivir en soledad. Viudedad, soltería y abandono en el mundo rural (España y América Latina, siglos XVI-XXI)», *Ler História* [Online], 77 | 2020, posto online no dia 30 dezembro 2020, consultado no dia 11 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/7147> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.7147>

---



*Ler História* está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

**Francisco García González (ed), *Vivir en soledad. Viudedad, soltería y abandono en el mundo rural (España y América Latina, siglos XVI-XXI)*. Madrid: Iberoamericana-Vertuert, 2020, 520 pp. ISBN: 978-84-9192-010-6**

234

A ideia de desenvolver um livro sobre a solidão surgiu a partir de uma sessão dedicada a esse tema, apresentada no Congresso Internacional *Old and New Worlds: the Global Challenges of Rural History*, organizado pela Rede de História Rural em Português e pela Sociedad Española de Historia Agraria (Lisboa, 2016). Nascida da colaboração entre vários autores, a obra é coordenada por Francisco García González, catedrático de história moderna na Faculdade de Humanidades de Albacete, da Universidade de Castilla-La Mancha, autor reconhecido de vários livros e artigos nas áreas da demografia histórica, da história social e da história da família, merecendo especial destaque os seus estudos sobre a velhice e a viuvez no mundo rural espanhol. Pensada na longa duração, esta obra divide-se em duas partes fundamentais, ordenadas cronológica e geograficamente, através de uma viagem entre os tempos mais remotos e o tempo presente, e de um *zoom* constante entre as geografias mais vastas (país) e as geografias mais particulares (freguesias).

Na primeira parte do livro estudam-se várias regiões espanholas, começando com o capítulo de Hortensio Sobrado Correa sobre a Galiza, a que se segue o de María José Pérez Álvarez sobre Leão; o de Patricia Suárez Álvarez sobre as Astúrias; o de Francisco José Alfaro Pérez sobre Aragão; o de José Pablo Blanco Carrasco sobre a Extremadura; o de Jesús Manuel González Beltrán sobre a Andaluzia; e o de Francisco Fajardo Spínola sobre as Ilhas Canárias, fazendo assim a ponte para o estudo sobre o continente americano. As contribuições de Cristina López Villanueva, Isabel Pujadas Rúbies e Francisco García González, que encerram esta primeira parte, refletem sobre a evolução dos lares unipessoais, comparando o mundo rural e urbano espanhol, e sobre os estereótipos criados à volta das mulheres sós. Na segunda parte do livro discute-se a solidão em diversos países latino-americanos, nomeadamente no Chile, pelo estudo de Paulo Alegría Muñoz e Nicolás Celis Valderrama; na Argentina, por Mónica Ghirardi e Dora Celton, Claudio F. Kuffer e Daniela Alicia Gorosito; no Equador, por María José Vilalta; no Brasil, por Ana Silvia Volpi Scott, Jonathan Fachini da Silva, Dario Scott e Denize Terezinha Leal Freitas; na Costa Rica, por Natalia Carballo Murillo; e no México, por Pilar Gonzalbo Aizpuru.

Logo na introdução, García González justifica a pertinência da obra dentro do panorama historiográfico afirmando que a investigação tem prestado pouca atenção à solidão como objeto de estudo e, menos ainda, no mundo rural. Com efeito, se a história da família e das suas dinâmicas é um domínio consolidado da investigação histórica desde há muito, há que reconhecer que têm sido relativamente pouco explorados os tópicos que este livro coloca no centro da discussão – a solidão e as famílias desagregadas –, refletindo sobre o seu significado, dimensão e impacto na vida das mulheres e dos homens no quadro ibérico e la-

tino-americano. Não se trata propriamente de preencher um vazio historiográfico. Poder-se-ia citar, por exemplo, o número especial da revista *The History of the Family* dedicado às famílias desfeitas, estudando as estratégias usadas por mulheres solteiras, casadas abandonadas e viúvas para viver em solidão, em contextos geográficos como Inglaterra, Holanda, Antuérpia, Finlândia e Suécia.<sup>1</sup> Também caberia mencionar, no que se refere ao mundo rural, os trabalhos realizados nos últimos anos por Jim Brown, Martin Dribe, Christer Lundh, Paul Nystedt, Beatrice Moring, Richard Wall, Dana Stefanová, Alice Velková, John Ragnar Myking, Fay Lundh Nilsson e Mats Olsson, entre outros, que mostram um interesse crescente pelo tema, sobretudo em torno das mulheres sós, e das viúvas em particular. Este livro vem assim somar-se a estas linhas de investigação, e sobretudo vem tornar possível, a partir de agora, estabelecer comparações entre o mundo ibérico e latino-americano e a realidade dos países nórdicos e da Europa central, que nos revelam que as estratégias humanas pouco diferem, mudando apenas os contextos geográficos, políticos, sociais e culturais de cada região.

Se, à primeira vista, poderá parecer que estamos perante um livro de demografia histórica, através do uso da metodologia desenvolvida pela Escola de Cambridge para estudar os lares unipessoais e monoparentais, paulatinamente nos apercebemos que existe um equilíbrio entre a análise qualitativa e quantitativa. O livro surpreende pela forma como interliga os dados quantitativos obtidos através de censos da população, de listas de habitantes e de registos fiscais e eclesiásticos, com a informação qualitativa retirada de processos judiciais, registos notariais, cartas, legislação, obras literárias e tratadística, que fornecem uma visão de conjunto sobre as vivências da solidão do ponto de vista demográfico, social, de género e das mentalidades. Através da metodologia da micro-história e da exploração de “nano-mundos”, expressão de Alfaró Pérez (p. 123), foi possível reconstruir algumas trajetórias de vida através do cruzamento nominativo de fontes. Nesses casos, a solidão foi perspectivada como um conjunto de experiências particulares, que completaram a análise de grandes massas de dados e corroboraram tendências gerais apontadas pelo estudo das fontes quantitativas.

Esta obra é particularmente rica em conceitos ainda pouco ou nada explorados neste tipo de historiografia. A solidão, muitas vezes pensada do ponto de vista da solidão física, do viver sozinho, surge aqui também na sua dimensão emocional, do sentir-se sozinho (p. 239). Com efeito, a solidão pode caracterizar-se não só pela ausência física de pessoas, mas também pela sensação de estar só, pelo estado civil de solteiro, pelo viver sozinho ou por um comportamento que prescinde de relações sociais (p. 324). Viver sozinho não implica necessariamente que a pessoa vive isolada, podendo criar redes de solidariedade externas, assim como viver acompanhado não impede que a pessoa se sinta interiormente só. Particularmente sensíveis a estas *nuances* e a procurar definir o que é a so-

---

<sup>1</sup> Ver Manon van der Heijden, Ariadne Schmidt, Richard Wall, “Broken Families” (special issue). *The History of the Family*, 12 (4) (2007), pp. 223-310.

lidão, os seus vários autores estudaram-na não só do ponto de vista da viuvez mas também dos solteiros, dos abandonados ou dos divorciados, com especial enfoque na experiência feminina.

Este livro mostra ainda como se deu um processo de *desfamiliarização* e a influência que o individualismo teve na conceção da solidão, que era vista e percebida pelas sociedades tradicionais de uma forma diferente da nossa (p. 10). A solidão do passado era sobretudo uma *solidão involuntária*, causada pela perda do cônjuge ou do chefe de família, que resultava em situação de viuvez ou de orfandade; por falta de oportunidades de casamento, desembocando numa situação de celibato definitivo; ou por abandono das mulheres devido às ausências prolongadas dos maridos ou pais (p. 124). Havia, portanto, um desequilíbrio entre o número de mulheres e de homens sós, marcado pela morte e pelos movimentos migratórios no que diz respeito à mulher, e pela dependência masculina em relação ao trabalho doméstico e à educação dos filhos, que incentivava que eles se voltassem a casar com maior frequência.

Fruto do imaginário popular, a solidão é frequentemente associada à imagem da viúva velha, sozinha e resignada com a morte do marido como, de resto, nos mostra a pintura escolhida para separar as duas partes do livro, intitulada “La viuda”, da autoria de Magdalena Mira (Chile, 1885). Alguns autores categorizaram assim vários tipos de “viúvas”, estado que melhor representa a solidão, destacando não só as “viúvas de facto”, mas também as “viúvas de vivos”, dos homens que partiam para o império e não mais regressavam; as “viúvas conjunturais”, mulheres cujos maridos migravam pelo país para trabalhar; e as “viúvas virgens”, que casavam por procuração e que nunca chegavam a consumir o casamento (p. 94 e 198). Estas mulheres sós, que viviam muitas vezes sem o controlo masculino, eram vistas como um perigo à ordem social por viverem “fora da norma”, isto é, fora do casamento, criando-se estereótipos à sua volta, como o da viúva alegre, pobre ou virtuosa, ou a associação recorrente da velhice à maldade, preconizada pelos contos infantis. Aproveitando-se dos estereótipos e da ideia de abandono e fragilidade, estas mulheres desenvolveram sempre que necessário discursos de vitimização para conseguirem pareceres favoráveis.

Desconstruindo estas imagens-tipo, os autores mostram que viver sozinho era normal entre as mulheres de todos os estados matrimoniais e de todas as idades. Encontramos, por isso, entre as mulheres sós, redes de solidariedade vincadas para fazer face a situações de vulnerabilidade, procurando-se evitar sempre que possível a solidão. A solidão não era sinónimo de pobreza ou desamparo, uma vez que estes estudos revelam uma grande capacidade destas mulheres para tomar iniciativas, combater adversidades e adaptar-se às circunstâncias. Além disso, e como os autores deste livro não se esqueceram de mencionar, a solidão foi também influenciada pelas diferenças étnicas que compunham o continente americano, pensando-a do ponto de vista da influência da cor e da condição social de livres ou escravos (p. 353). Levam-nos, por isso, a refletir sobre a solidão dos escravos, que se encontravam numa situação mais precária e de maior dependência, provocada por uma rutura familiar mais

precoce e pelas poucas oportunidades que tiveram para criar redes de solidariedade (p. 288).

O peso de viver sozinho no período moderno não era igual ao peso emocional que tem hoje, uma vez que a solidão era evitada no passado, como vimos. A solidão voluntária tornou-se um fenómeno cada vez mais característico das sociedades atuais, e parece estar intimamente ligada às maiores possibilidades económicas das pessoas e a um desejo profundo de autonomia (p. 205). As transformações experimentadas pela primeira e segunda transição demográfica, com início no século XX e que se prolongaram até ao presente, moldaram o imaginário à volta da solidão, que passou a estar conectada ao abandono, à desertificação e ao envelhecimento das zonas rurais (p. 263). A maior presença de mães solteiras jovens nos diferentes estratos sociais, de famílias monoparentais provocadas por separações, divórcios ou vínculos frágeis, a preocupação com o “eu” e o maior desejo de permanecer solteiro, assim como a partilha de casa com pessoas estranhas à família devido a situações económicas precárias, marcam cada vez mais as novas formas de solidão (p. 468 e 482). Uma solidão mais emocional do que física, influenciada pelos novos ritmos de vida e por uma sociedade em constante mutação.

A partir do estudo da solidão conseguimos entrar nas questões de género, e no estudo das migrações, do trabalho, dos discursos, dos estereótipos e dos estudos étnicos. É o cruzamento de fontes e de análises que o torna particularmente rico e distinto dos outros, conseguindo tornar-se num livro bastante completo e complexo. Esta obra foi organizada de forma hábil, partindo de elementos fragmentados mas que depressa permitiram uma visão de conjunto. Deste modo, o leitor fica com a sensação de que viaja no tempo e no espaço, até se deparar com a sua própria realidade, o que lhe permite no final compreender melhor a solidão do passado e as várias camadas que a compunham.

**Ana Mafalda Lopes<sup>2</sup>**

PIUDHist-FCT/ICS-UL, Portugal  
anamafaldaplopes@gmail.com



---

<sup>2</sup> Bolseira do Programa Interuniversitário de Doutoramento em História: Mudança e Continuidade num Mundo Global, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo Fundo Social Europeu (FSE).